

EUA apóiam programa de ajuste do Brasil

E RECOMENDA RAPIDEZ NO ACORDO COM BANCOS

O subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, anunciou ontem em Brasília que a Casa Branca apóia o programa de estabilização econômica adotado pelo Brasil e aposta no seu sucesso, mas recomendou que o governo não demore para acertar a renegociação da dívida do País junto aos bancos privados. “Depois de várias arrancadas falsas, o Brasil já cumpriu 3/4 do caminho”, afirmou Mulford durante um almoço com o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, e outras 37 autoridades — entre ministros, líderes parlamentares e funcionários do segundo escalão.

“O Brasil implantou um importante programa de reformas econômicas, resolveu o problema dos atrasados com os bancos credores, obteve uma boa negociação com o Clube de Paris e agora só resta o acordo com os banqueiros internacionais”, insistiu o subsecretário. “Houve muito progresso e o governo do presidente Collor deve persistir”, recomendou Mulford, ouvido com atenção por Marcílio.

Vantagens do acordo

O subsecretário reiterou o apoio ao programa econômico acertado com o Fundo Monetário Internacional (FMI), “em meu nome e do governo dos Es-



Marcílio: um dia de negociações.

tados Unidos”, elogiou a proposta levada pelo governo aos bancos privados e expôs as vantagens de um bom acordo. “Com a conclusão das negociações, o país conquistará vantagens, como o retorno do acesso aos mercados de capitais”, exemplificou.

Mesmo quando foi questionado por um repórter, Mulford desmentiu que o governo norte-americano interfira de alguma maneira nas negociações entre o Brasil e o comitê assessor dos bancos. “A proposta brasileira é boa”, comentou, “mas os Estados Unidos não podem ditar os termos do acordo”. De acordo com o subsecretário, a Casa Branca se limita a aconselhar ambas as partes: “Temos contato com os bancos e estamos conversando sobre a importância de fechar um acordo com o Brasil o mais rápido possível”.

Segundo os ministros da Infra-Estrutura, João Santana, e da Educação, José Goldemberg, Mulford citou o México como um país que resolveu com habilidade o problema da dívida externa. Em lugar de prolongar as negociações com os bancos na busca de pequenos ganhos, o governo mexicano desprezou as críticas, apressou o acordo e hoje exibe uma entrada de capital externo da ordem de US\$ 5,5 bilhões anuais — a média, antes do acordo, estava em US\$ 500 milhões.

Basquete

Mulford comparou a trajetória da economia brasileira a uma partida do campeonato de basquete norte-americano, em que o tempo total é dividido em quatro quartos (à semelhança dos dois tempos de um jogo de futebol). De acordo com o subsecretário, depois de ter implantado reformas econômicas, fechado acordo com o FMI e o Clube de Paris só falta o Brasil “vencer o último quarto” — a negociação com os bancos privados. Ele recorreu novamente ao exemplo mexicano para incentivar o governo brasileiro a ir até o fim da partida, e lembrou que no México, com a dívida renegociada, os juros internos caíram entre 12% e 18%, favorecendo a entrada de investimentos estratégicos.